

+

Rubem Prates

À LUZ DO DIA

Inesquecíveis Momentos

Este trabalho homenageia a todos os citados amigos, mesmo os que não tivemos a permissão de registrá-los nominalmente, ficaram incógnitos, eles também merecem a nossa eterna gratidão.

ÍNDICE *

Criatura de vontade férrea-----	9
Disse ele: meu avô-----	12
Gutenberg: Lozinho esse é o Doutor-----	16
Gilsão e Neura-----	19
Lozinho, como foste tu e o Doutor-----	24
Ele ficou muito curioso -----	27
Amigo eu tenho algum mal? -----	28
Lozinho com os olhos arregalados-----	31
Agradar sem ser subserviente-----	33
Outra personagem-----	35
Viagem a Ipiaú-----	37
O amigo Roseno Rosa-----	39
Roseno pensa-----	42
Aprendeu reparar o carburador-----	43
Roseno estendido em uma cama-----	45
Pretinha era boa companheira antes? -----	46
Roseno: já pensei -----	49
“Chumbregar”. Chegou a atacar a moça-----	53
Resolvi pernoitar em Itiruçu-----	62
“Ênclise, próclise e mesóclise” -----	66
Paes Mendonça e trago tudo-----	70
Resolvo aliviar a saudade-----	73
Conquista e vice-versa, à Minas-----	74
A dita ponte atravessou-----	76
A cigana viu aquele rapaz moreno-----	78
O tio bastante enraivecido-----	82
Outra aptidão do tio-----	87

Para Vitória da Conquista-----	89
O Padre terminou a aula-----	92
Tio Pedro Prates, -----	94
Caminhonete Ford F1- 1950, -----	96
Era a estação de trem. -----	98
Novinha, ex jogador do Bahia-----	101
A hora importante nas nossas vidas-----	103
Administração, e ordem do Laerte-----	105
Escolham as ferramentas-----	107
“Lampião”, me fez aproximar e dançar-----	109
Nesse dia “São João” -----,	110
Negão meu Lampião-----	111
“Azar do guarda” -----	112
O Wiliam: ela queria mandar-----	117
Tomar um banho de mar-----	119
Kuincas arranjou um galho no DNER-----	122
Saindo à procura do Dentista-----	123
Coroação da Rainha Elizabete II-----	125
Deixamos as camas com os lençóis-----	127
Inesquecível Raul Seixas-----	128
Janice acordou do coma-----	132
O Vila tomou umas cinco pingas-----	133
O Chico tentou se lembrar-----	136
Troca por um desses fedelhos-----	140
Cláudio viu a Academia cheia de gente-----	141
Episódio em Jequié-----	144
Filho e neto de Coronéis da Guarda Nacional-----	148
Servir na Cidade de Santa Inês-----	154

Construir um banco transformador-----	156
Outra do José Cardeal:-----	159
Falamos um pouco do Ceci: -----	161
Amizade sólida e duradoura-----	166
Boi Laranja não tirava os olhos do “Rei Zulu-----	172
Vi o Boi Laranja sentado-----	173
Coronel da velha Guarda-----	176
Mandou o Bidinha ir à frente-----	178
Um Fazendeiro seu vizinho botou fogo-----	179
Implante no dedo-----	179
Ricardo desde os três anos -----	183
“O Leitor” -----	184

“Mario de Andrade falou: talvez com outras palavras, mas com este “Espírito”: Quando a arte aparece, desaparece a técnica”:

À Luz do Dia

Quem chorou por pão conhece a necessidade e não sabe eleger a vaidade. Passa pela vida lutando pela sobrevivência e não pode valorizar o supérfluo nem eleger a ociosidade.

Raramente essas pessoas são acometidas da ameaça mais frequente e insidiosa da degradante e malévola contaminação pela tristeza que se apresenta hoje com o nome de **“DEPRESSÃO”**.

Já conviveu na labuta da produção rústica do interior, especialmente nas fazendas e áreas agrícolas? Conheceu alguém que se queixasse de tristeza ou melancolia e quase nada podia fazer pelo desengano? Eu já conheci pessoas assim lá na roça, geralmente eram pessoas cujos anseios estavam saturados de possibilidades, eram as donas das propriedades ou os proprietários preguiçosos que haviam completado quase todos os seus desejos e nada mais os incentivavam a produzir.

Entre os servidores, quer sejam homens ou mulheres, eu nunca soube de alguém que apresentasse esses sintomas de melancolia, pois a luta cotidiana para conseguir, às vezes o pão pra si e os seus, não lhes dava tempo para tristeza ou desesperança.

Raramente ou nunca, se encontra naquele ambiente de luta e trabalho alguém que não creia ou não comungue com a fé nos desígnios do Pai Maior, seja nas Igrejas Católicas, Protestantes de vários seguimentos e hoje até o espiritualismo e seus Orixás ou mesmo “Espíritos Mensageiros” ou protetores, Caboclos, Preto Velho, Mãe Preta ou Mentores do Kardecismo.

A Fé ali é o antídoto do mal e o complemento dos anseios e desejos de dias melhores e o amparo divino. Não se conhece desilusões, vive-se uma festa, seja em louvor a qualquer Santo, já pensando em outro acontecimento que em geral é o dia do Padroeiro da Cidade.

Um grande evento é a aquisição de uma nova vestimenta; uma calça, camisa, um vestido ou mesmo uma saia ou blusa nova. Os homens anseiam e vibram com aquisição de um novo chapéu, novo sapato e conseguem satisfazer seus ínfimos desejos sem importar se aquele objeto torna-se padrão em toda área rural ou na própria pequena coletividade. O senso da competição não lhes atingiu e se comprazem em encontrar e vêem outros usando a mesma indumentária que ele conseguiu. Dizem e pensam; quanto mais adesão a essa novidade, melhor prova do meu bom gosto.

Prazer que lhe completa de felicidade é receber em sua humilde morada uma visita. Certa feita lembra-me: estivemos em uma casinha de uma criatura que morava bem ao fundo da nossa área, por motivo de estar caíndo uma pequena e fria neblina, aproximamos da sua residência. O velho pediu que desmontássemos e entrasse sua salinha. Ali sentamos em bancos de madeira bruta improvisados, em menos de cinco minutos foi nos servido cafezinho endossado com rapadura, feito em fogo de

lenha. Maravilhoso e providencial cafezinho quente e gostoso, bem servido. Do que mais me lembro foi o que ouvi na saída da casinha; mulher lave essas canecas e ninguém mais vai beber nelas. A Mulher perguntou sutilmente: eles estão doentes? O velho respondeu: não “muié”, em uma delas o Doutor bebeu e ninguém mais vai ter o gosto de beber nessa xícara. Vou guardar como lembrança e dizer aos meus amigos que o “Homem” esteve em minha casa e bebeu café nessa caneca. Ainda pude ouvir da mulher: ó veio! E acha que o povo vai acreditar nisso?

Aí está à simplicidade do matuto, expressa na humildade e inteira devoção e gratidão a quem lhe dá abrigo e trabalho para sua simples sobrevivência.

A deficiência das comunicações, sejam rádio, TV, telefone ou computação, tudo é substituído sobejamente com reuniões informais e acidentais, que se processam naturalmente em pontos estratégicos da comunidade, sem nenhum plano pé-estabelecido. Ali se escuta de tudo que se passou ou mesmo histórias nascidas ou criadas pelas mentes mais férteis, também fatos às vezes distorcidos com o objetivo único de divertir e agradar a plateia.

Não tivemos a oportunidade de frequentar essas reuniões muitas vezes, contudo, em algumas poucas nós estivemos a aquilatar o poder criativo dos homens do interior, sem falar nas reuniões acidentais das mulheres, dizem ser mais ricas de criatividade e contos, inclusive a sutileza ao se referirem aos assuntos amorosos e com os subterfúgios sexuais camuflados.

Vamos narrar algumas histórias contadas por elementos que eram habitués dessas singelas reuniões e conseguiram memorizar algumas passagens pitorescas e hilariantes.

Conversando sobre esse assunto com o meu amigo Gutemberg Farias, depois de adquirir a sua simpatia e amizade que poucos têm o privilégio de conquistar, aprendi realmente a assimilar os costumes e praxes em que se desenvolve a vida entre trabalho e diversão na intimidade interiorana.

Conseguí algumas histórias que o Gutemberg afirma serem de reais ocorrências. Inclusive cita nomes e até de procedência familiar, não eximindo de se referir até mesmo a sua própria.

Criatura de vontade férrea

Sua opinião tinha que prevalecer sobre tudo e todos os argumentos. Ele era o Ferreiro da cidade, isso significava; em qualquer trabalho que envolvesse metais, era o indivíduo o consultor e executor de toda atividade inerente aos objetos.

Difícil era convencê-lo a executar o trabalho ao modo do cliente, ele sempre dizia: a peça eu faço, mas o jeito de executar, não permite opinião de ninguém, quem quiser dá palpite, leve seu serviço ao “inferno” e convença o “capeta” a fazer do seu jeito...

Esse personagem já não era criança, na época faturava seus cinquenta e oito anos de vida surrada pela dificuldade da

sobrevivência, contudo, quem o olhasse, não lhe dava mais de quarenta anos de idade. Seus músculos eram visivelmente divididos ao longo do corpo, formando estrutura pouco deformada pelo costume vicioso do exercício na execução dos serviços que exigiam grandes esforços e concentração. Falava pouco, mas quem o conhecesse bem, sabia das suas preferências, disse o amigo Gutemberg: ele era vidrado em uma dança que chamava de “rala bucho”. Gostava de uma cachaça e sabia escolher as melhores, entre as quais, dizia ele: as mineiras são as escolhidas, mas, pra nós aqui, até pelo custo, a “Cotegipana” satisfaz muito bem.

Diziam as “línguas ferinas” que o homem tinha resistência de galo. Do casamento tinha dez filhos, toda noite dormia em pouso diferente, todas eram vidradas nele. Comentam que a matriz era a mais bela, dizia saber das aventuras do companheiro, que só assim, ele lhe dava descanso durante sete noites, mas ela tinha que está disponível à boca da noite todos os dias.

Quando começamos essa narração, afirmamos a personagem férrea do homem. Vamos dá o exemplo da sua firmeza e teimosia: o amigo Gutemberg entrou na sua oficina para dizer que havia recebido as ferraduras encomendadas, que dois pares delas tinham que sofrer pequenos reparos nas bordas de acomodação dos cascos dos cavalos. Nesse exato momento em que o Gutemberg explicava o que queria, recebeu a resposta: os cascos dos animais têm que ser feitos de acordo com as ferraduras, pois eu mesmo tirei as fôrmas. O Gutemberg quis argumentar alguma razão, só que no momento o homem estava moldando uma peça com o ferro em brasa, avermelhado pelo calor da forja. Ao executar com uma martelada, despreendeu-se um pedaço do ferro rubro que voou batendo no telhado caindo

direto dentro do cano da bota do Ferreiro. Ele sacudiu o pé e a fumaça subiu. Ele bradou: “quer queimar miserave pode torrar”, comprimiu o pé sobre o pedaço do ferro em brasa, a fumaça e o “cheiro” de carne queimada subiu. O ferro furou o solado da bota, ele tirou o pé de cima do ferro já menos rubro, nem sequer levou a mão na queimadura. Só falou em voz abafada: “ta danado miséria”?

Gutenberg saiu “de fininho” e disse: esse é um cabra “retado”, Deus me livre de discussão com ele...

No outro dia pela manhã, eu estava a procurar o Gutenberg, quando alguém me informou que ele havia se dirigido ao rio, com certeza iria pegar o barco e ir para a fazenda. Eu adiantei o passo, encontrei o homem abastecendo o motor de popa do seu barco. Perguntei: amigo quando é que tem outra daquela para me contar? Ele: se você quiser ir comigo lá para fazenda tenho outra melhor do que aquela de ontem. Eu perguntei: que hora você vai voltar? Ele: vamos que fico livre ligeiramente, depois de algumas instruções que vou dar ao Vaqueiro, depois, se você quiser, vamos pegar piranhas para comer e beber o caldo com arroz hoje à noite.

Eu concordei, disse: ancore o barco por alguns minutos no nosso porto Pr’eu pegar meu anzol preferido.

Seguimos rio acima, bordejando a margem esquerda. Paramos na nossa fazenda, apanhei meus apetrechos de pesca, continuamos. A pescaria desenvolvia normalmente, eu até estava pegando pequenos peixes, mas o que mais me interessava era ouvir os “causos” que o amigo podia me contar. Tanto instiguei

que ele começou a se lembrar de um, se não me engano do seu próprio avô.

Disse ele: meu avô,

Velho sabido, também demonstrava muita fé nos Santos do Catolicismo. Era uma pessoa boa e muito querida no lugar onde vivia. A sua fazenda era pertinho do arraial, nós íamos sempre pra lá quando não estávamos em período letivo, mesmo durante as aulas, nos fins de semanas desde a sexta à tarde estávamos lá.

Ele adorava a nossa presença, comprava na cidadezinha tudo que pudesse nos agradar, desde doces, balas, chocolates também qualquer brinquedo que surgisse de novidade. Era uma verdadeira festa a nossa presença lá na roça, dizia ele.

Até os cachorros que ele criava no terreiro, pareciam se alegrar. Tínhamos seis tios, sendo quatro mulheres e dois homens, todos de boa índole, mas o primeiro, logo o mais velho, não lia na mesma cartilha dos outros. Esse tio casou duas vezes e continuava solteiro, porque não conseguia seguir o padrão do velho, de pai extremoso e familiar.

O Tio tentou várias atividades inclusive no comercio local, mas não tinha perseverança, não vestia a camisa das suas atividades. Tudo que iniciava, em pouco tempo fracassava, vez por outra, o outro irmão mais novo tinha que induzir o velho a cobrir os prejuízos causados pelo irmão.

Continuou o Gut: o nosso avô tinha uma deficiência visual que foi se agravando ao longo do tempo, ele foi substituindo a visão pela sensibilidade, quase não se notava a sua deficiência. Só a sua paciência declinava, sofria uma grande alteração à medida que a sua visão diminuía. Ele tornou meio ríspido nas respostas sem nexos, se alguém formulasse perguntas. Dizia não mais querer frequentar a Igreja, porque nada mais estava vendo, só a ladainha do Padre não o satisfazia.

O velho era um criador nato, conhecia todas as suas vacas leiteiras pelo nome, ao tocá-las ia falando com elas, quem o observasse, parecia que ele recebia resposta de cada uma, pois ao afagá-las, quase todas mugiam cada uma com seu som característico.

Quando o Vaqueiro trazia para apartar os bezerros, o velho se colocava sentado sobre o último varão do curral, ia dizendo os nomes das vacas, cada uma só entrava depois de ouvir ser chamada pelo velho. Dentre todas, uma era a melhor leiteira e a mais prendada de todas, pois corria em suas veias o sangue apurado do gado “red-polled”, ela era a mais bonita do plantel.

O Vaqueiro, moço trabalhador, havia nascido ali na fazenda, seu pai faleceu ainda novo, vítima do xistossomose. Ele sofria com as “mutretas” armadas pelo Dino, o tio mais velho, por isso, às vezes tinha que inventar mentiras para o velho, sob pressão do Dino.

O velho já por três dias estava percebendo a falta da sua preferida vaquinha, já nervoso perguntou ao Vaqueiro: cadê “Queimadinha”, já pariu? O Vaqueiro respondeu: ainda não

conseguimos localizar a vaca, mas hoje vamos procurar o dia inteiro até achar.

Ao encerrar os serviços da tiragem do leite, o Vaqueiro foi à procura do Dino, disse: Se o senhor não contar a seu pai onde, ou o que foi feito da Queimadinha, amanhã eu vou dizer que alguém pegou a vaca aqui no pasto à noite com sua ajuda.

O Dino: não diga nada ao velho, pois estou providenciando o pagamento, sexta feira eu vou buscar a vaca, amanhã eu mesmo vou com o velho para o curral e darei uma desculpa.

No outro dia o Dino estranhamente acordou cedo, o velho perguntou: percevejos ou pulgas lhe atacaram? Dino: não meu pai, eu vou ao curral com o senhor, quero ver as vacas leiteiras. O velho ficou com “pulgas nas orelhas”, quase nada falou na estrada do curral. O Dino iniciava um assunto, o velho respondia por interjeições, assim a conversa se processou por “monólogo, a dois”.

No curral o velho subiu os varões da cerca, no lugar de costume, próximo a porteira, se sentou e esperou o Vaqueiro tocar o gado. O Dino não parava de elogiar a saúde do gado, o velho nada dizia, só “rum”! De vez em quando. Passaram-se todas as vacas, aí o velho gritou: cadê Queimadinha? O Vaqueiro sinalizou para o Dino responder. O Dino disse: meu pai, Queimadinha não veio, o senhor precisa rezar para isso não acontecer... O velho com os olhos a marejar de lágrimas quentes de raiva, respondeu: “To rezando há muito tempo, Queimadinha não aparece, também esses **Santos e Santas** já estão com os **“cu” cheios de Pai Nosso**, não resolvem nada”. Desceu do curral foi na frente do Dino sem

querer que o tocasse. Chegaram à residência, no café da manhã que ele recusou a tomar, contou o que estava ocorrendo com a Queimadinha.

O Louro, rapaz direito, que já sabia das “mutretas” do Dino, esperou terminar o café, chamou o irmão para um reservado. Louro disse: rapaz, diga logo o que foi armado dessa vez, logo com a vaca que o velho mais gosta, não enrole. O Dino: já estou tomando emprestado o dinheiro para pagar os ciganos e pegar a Queimadinha. Louro: pelo amor de Deus, fique quieto que eu vou resolver isso com nosso pai, você vai receber ainda uma ajuda, para sumir daqui e nos esquecer até tomar vergonha e juízo! Se você ficar por aqui, vai se entender com o compadre do nosso pai, o **Pedrão**, o mínimo que pode lhe acontecer é outra surra, que você já experimentou quando rapazinho...

O Dino pegou sua trouxa e sumiu, com certeza deve ter voltado logo que o fato caiu no esquecimento. Isso o Gutemberg não se lembra do desfecho.

“Quando o amigo terminava esse caso, acabou de pegar uma enorme piranha, depois que acabar a narração desses acontecimentos suspeitos de veracidade, eu vou contar o que aconteceu comigo e uma dessas piranhas”.

Terminadas as iscas anoitecendo, voltamos à sede da fazenda Ponta D’água do Gutemberg, com resultado da pescaria bastante satisfatório. Ao ancorarmos estava uma criatura que ao ver o Gutemberg, correu e o abraçou a dizer: primo, estava com saudade de tu e resolvi te ver. Gutemberg perguntou: como conseguiu chegar até aqui? Ensinaram-me atravessar de canoa, depois caminhar até a casa do Doutor Rubem, depois o garoto que

trabalha lá o Neu, me trouxe de barco até aqui, pois eu disse que era seu primo e irmão de criação, falou a criatura.

O Gutemberg: Lozinho esse é:

O Doutor Rubem, meu amigo, eu apertei a mão do moço e disse: com exceção do título de Doutor, tudo é verdade, somos amigos e vizinhos o que desejo, por toda vida.

Ali ficamos a conversar até mais tarde, uma coisa me chamou à atenção; o Gutemberg passou a perguntar por toda gente da cidade onde eles viveram por muito tempo, não ouvi uma só referência agradável. Para concluir o Guto perguntou sobre a tia, mãe do dito cujo. Ele falou: aquela peste velha tá lá só comendo e “cagando”, parece uma “balofa”, não quer fazer nada, diz que está com uma doença nova, o nome parece tristeza, preguiça ou enfado, mas só dá depois que a burra velha enche a pança de feijão e carne gorda, quer dizer: todos os dias. O Gut: Lozinho, a tia pode estar com “**Depressão**”.

Lozinho: se aquilo é “Depressão” eu sei um remédio que vai curar na primeira aplicação. O Gut: que remédio é esse que a medicina está pesquisando há muito tempo, ainda não conseguiu curar esse mal? Lozinho: pega uma agulha de arrocho (pau bem liso de mais ou menos quarenta ou trinta centímetros) enfia no cu dela que ela levanta e se cura logo... O Gut se levantou, disse: você não tem jeito! Continua o mesmo. Antes de despedirmos para pegar nosso barco que o Neu havia trazido, eu perguntei ao visitante: você conhece ou tem algum parente na região de Macarani cujo apelido daquela pessoa é “Boca de Trapo”? Ele

respondeu que não conhecia e nem queria conhecer gente com aquela depreciativa alcunha. O Gut sorriu muito, fez questão de me levar na sua barca até a minha casa. Na descida explicou: aquele amigo não é realmente meu primo, mas, nos criamos na mesma cidade, lhe quero muito bem. Ouviu hoje ele dizer que primo igual a mim não existe, que nós somos mais do que irmãos, parece que disse em relação a mim; homem sério e caridoso tá aí. Guarde essas palavras, escute ele dizer quando eu deixá-lo com você lá na sua fazenda. Previno que essa pessoa se precisar apanhar bosta em sexto para lhe servir, ele o faz com absoluto desprendimento e satisfação.

No Outro dia o Gut passou na nossa casa, disse: amigo o Lozinho vai ficar aqui por hoje e amanhã, quando vier de Cotegipe, eu o apanho de volta, pois estou com saudade dele a vivermos as nossas lembranças do passado.

Gut desceu o rio, ficamos nós. Ele me acompanhou até a nossa oficina de manutenção das máquinas, lá estávamos reparando um motor MWM de um trator. Ele ficou impressionado a fazer perguntas, acabando em declarar: já mais podia pensar que aqui neste fim de mundo encontrasse mecânicos especializados para montar um motor Diesel. Eu disse: amigo, esses dois rapazes que estão trabalhando, chegaram aqui que nem sabia pra que lado se apertava um parafuso, se você entrar lá na oficina, no outro, vai ver um motor realmente complexo e difícil de reparo. É um motor de popa de 15KVA, aquele sim, é “nó cego” para reparar, mas os meninos já repararam outros de amigos desta beira de rio. Ele perguntou: onde eles aprenderam? Aqui mesmo, eu fui o professor, disse eu. Ele virou a cara e parece que deu uma risadinha.

À noite com luar de fulgurante claridade, à luz da lua refletindo no espelho d'água da lagoa de longa extensão, concomitante o reflexo vindo da movimentação da correnteza do rio, que por capricho da mãe natureza contorna o montículo arenoso onde foi edificada nossa casa, uma brisa suave e refrescante, a sonoridade dos cânticos das aves ao procurar o repouso e dos animais de criação, faziam dueto com uma cauã que cantava incessante chamando a chuva.

O céu, o mais limpo e azul, não se via uma só nuvem, a lua parecia está solta no firmamento, sem nenhum movimento, recebe a luz do sol sem deixar que se perceba sua reflexão. Parece que a sua claridade é própria, nascida na sua face prateada, com enfeites de pérolas que aparentam suas montanhas.

Momento de reflexão e inebriante esplendor. Ouve-se o som de remo, se observa por baixo da sombra da floresta ciliar, o deslizar de uma canoa. Aguardamos num quase silêncio total, eis que atraca no nosso porto o barco com seu condutor. Cancioneiro romântico, o cantor.

Desceu da embarcação e só nesse momento notamos; estava acompanhado por um rapaz também negro, vestido esportivamente. Eu fiquei alegre pela presença do bom e leal amigo que se fazia cada dia ser mais admirado e querido por toda aquela pequena população.

Fomos ao porto, encontramos o Antônio Edson e seu companheiro que nos foi apresentado como um dos grandes amigos do Gutemberg. Estendi a mão, disse: Rubem Prates, prazer. Ele: Gut seu criado. Eu disse sendo assim doravante não podemos chamar Gutemberg de Gut, vamos fazer confusão, ele